



“Deixai-vos transformar...”

*Evangelizadores com Espírito:
apontamentos sobre o lugar do apostolado paulino*

(Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, SSP)

O título “evangelizadores com Espírito” aponta para o nosso compromisso permanente de mudança e que o XI Capítulo Geral nos desafia: deixarmo-nos transformar, mudando o nosso modo de pensar. Isso nos remete à meta do Apóstolo Paulo: “Até que Cristo se forme em nós” (Gl 4,19). O nosso modo de pensar e agir deveria ser o modo de pensar e agir de Cristo, ou seja, a configuração a ele. Pe. Tiago Alberione fez disso o seu programa de vida. Ele se deixou moldar pelo Espírito.

O apóstolo Paulo tinha convicção de que evangelizar não era privilégio, mas uma obrigação. “Ai de mim se não pregar o evangelho” (1Cor 9,16). Trata-se de uma certeza de que a pregação não era tão-somente fruto de suas capacidades pessoais. A pregação do apóstolo é fruto do espírito. Como ensina o papa Francisco, “uma evangelização com espírito é muito diferente de um conjunto de tarefas como uma obrigação pesada, que quase não se tolera ou se suporta como algo que contradiz as nossas próprias inclinações e desejos.” (EG 261).

A mudança ou transformação, portanto, tem em si, entre outros elementos, as renúncias, dor, morte e renascimento. Daí a natureza de nosso Carisma consistir, por assim dizer, em uma constante “metanoia” para não se aprisionar em velhos esquemas mumificados que não diriam mais nada à humanidade de nosso tempo. Alberione nos legou um estilo de vida que não nos permite “envelhecer nas ideias” e tampouco nos aprisionar por detrás dos muros da estrutura material e da lógica mundana. Nosso carisma tem a característica constante da renovação, portanto, há em nós a marca do espírito de juventude que nos estimula na missão.

I. No princípio

Pe. Tiago Alberione, inspirado por Paulo apóstolo, intuiu a necessidade urgente de evangelizar na cultura da comunicação “para que a Palavra corra veloz” (2Ts 3,1). Na catedral de Alba (Itália), naquela noite do dia 31 de dezembro de 1900, com 16 anos, Tiago viveu o que se pode chamar de revelação ou se preferirmos aquele termo grego tão potente: epifania. O corpo franzino do jovem Tiago Alberione, diante do tabernáculo, certamente ainda não tinha tudo claro acerca do que deveria fazer da e na vida, mas em seu coração cabia a humanidade toda.

Ele rezou durante quatro horas diante do Santíssimo Sacramento e uma “luz especial” a partir da hóstia o iluminou. A luz divina despertou no jovem um forte senso de responsabilidade pelos rumos da humanidade, sentindo-se “profundamente comprometido a se preparar para fazer alguma coisa para o Senhor e para as pessoas do novo século”. Estimulado pelos acontecimentos de seu tempo e tendo meditado a encíclica do papa Leão XIII *Tametsi Futura* (“Ainda que se trate de coisas futuras”), Tiago se projeta para servir a Igreja, valendo-se dos novos meios colocados à disposição pelo engenho humano.

É muito importante partimos da premissa de que o jovem Tiago Alberione se sentia “obrigado a se preparar”. Sim, porque não bastaria entrar no ritmo de um ativismo sem bases profundas. Para as coisas de Deus se exige sempre o maior zelo e profundidade.

De fato, com o nascimento da Pia Sociedade de São Paulo, em 1914, tendo a missão principal de evangelizar na cultura da comunicação, Alberione antecipa o que mais tarde fará o Concílio Vaticano II (1962-1965), especificamente com o decreto *Inter Mirifica*. A luz que lhe veio da hóstia naquela vigília e que lhe causou inquietação e compromisso, agora clareia ainda mais com a palavra oficial da Igreja: “A Igreja católica, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo para levar a salvação a todos os homens, e por isso mesmo obrigada a evangelizar, considera seu dever pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos meios de comunicação social, e ensina aos homens a usar retamente estes meios” (IM. 3).

Se no tempo de Alberione, o grande desafio era conceber a imprensa como projeto de verdadeira evangelização, para nós hoje o ambiente digital e suas redes constituem campo fértil e não menos desafiadores para a comunicação da boa notícia.

2. Tudo pelo evangelho

“Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito”. (Rm 12,1-2).

Pe. Alberione viu em Paulo apóstolo a inspiração para levar adiante seu projeto de “boa imprensa”. Aqui consiste o ponto de partida de nosso jeito de ser na Igreja e no mundo. O Apóstolo é nossa inspiração para viver e anunciar o Verbo à humanidade de nosso tempo. É imperativo conhecer e amar o Apóstolo para não nos perdermos no emaranhado das muitas referências e a centralidade ficar desfocada.

Contemplar o apóstolo Paulo é antes de tudo contemplar um homem ousado, inteligente e firme. É, sobretudo, falar de alguém apaixonado pelo evangelho, portanto, radicalmente sensível ao projeto de Jesus Cristo e aos riscos que o seguimento ao Mestre implica. Isso para dizer que sua firmeza tem que ver com uma entrega apaixonada, de coração aberto: “Eu lhes falo com franqueza: meu coração está aberto para vocês... Paguem a nós com a mesma moeda. Eu lhes falo como filhos; abram também o coração de vocês” (2 Cor 6,11.13). O Apóstolo está se dirigindo aos

coríntios, uma das comunidades que mais lhe deu trabalho, não obstante a ela tenha aberto ainda mais o seu coração. Estamos, pois, diante de um coração capaz de compaixão, capaz de um olhar de ternura para a humanidade sofredora, assim como o foi o olhar de Jesus e deveria ser de todo aquele que se dispõe caminhar com ele.

Parece importante considerar aqui a ternura no coração do Apóstolo, uma vez que sua firmeza e valentia não tinham outro propósito senão o de tocar o coração de seus interlocutores. No coração de Paulo havia o coração de Cristo. É sabido que, ao longo da história, a narrativa sobre São Paulo o fez duro e ranzinza; até intransigente. O que não é verdade. Suas cartas revelam um homem terno. A palavra ternura em sua origem árabe, “halaqa”, quer dizer alisar, polir, tratar com bondade. Da raiz latina tem que ver com “tener”, isto é, delicado, suave. Trata-se de uma palavra que revoluciona a vida. Revolucionar não no sentido de revolta, mas de dar a volta por cima, de girar, de virar a página. Na história da humanidade há muitos exemplos de pessoas que se deixaram guiar pela ternura. O apóstolo Paulo é uma dessas. Aconteceu com ele uma virada histórica. Embora cheio de conhecimento e convencido de muitas certezas - aliás, muitas delas certezas orgulhosas -, certo dia se deu conta que a vida pedia muito mais do que convencimento e ideias fixas. Paulo, porém, não era um homem mau. Era, na verdade, guiado por um pensamento fixo. No entanto, há tempo para cada coisa e para cada acontecimento. Certo dia, enquanto seguia seu caminho, uma luz intensa lhe cegou (At 9). É significativo que esta luz intensa lhe tire a visão. Era preciso que ele visse o invisível. E viu. Ou melhor, sentiu. Transcendeu os compêndios frios, legalistas e desligados da vida. Paulo encontrou o sentido.

O Apóstolo após aquele encontro feliz com o Mestre, após a experiência do Senhor ressuscitado, lança-se por inteiro na vivência e no anúncio da Boa Nova. De tal modo que sua vida não lhe pertencia mais. Pertencia ao Senhor. É a experiência do amor. Quando se encontra o amor de verdade, é ele que dá sentido à vida e dirige toda a ação de quem ama.

Somente compreendemos que Paulo ou seus mensageiros se contentavam em percorrer em média 32 quilômetros por dia - levando em conta doenças, ferimentos, mau tempo, rumores, bandidos ou lobos pela estrada -, somente assim podemos entender o que se diz sobre “o peso, a cada dia, das preocupações com todas as Igrejas” (2Cor 11,28). (MURPHY-O’CONNOR, 2007, p.19)

O sentido é Jesus. Paulo encontrou o caminho, a verdade e a vida. Deste dia em diante, a ternura tornou-se um rio em sua vida. Não havia mais espaço para ódio, raiva ou rancor. Em seu coração só havia espaço para o amor. Amor que se expande para o outro. Paulo se apaixonou. Apaixonou-se não por uma ideia fixa, um partido, ou projeto. Sua paixão era uma pessoa mesma: Jesus Cristo. Tanto é verdade que chegou a dizer: “Já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). E por essa paixão deixou-se conduzir sem jamais desanimar.

A ternura era tanta em seu coração que, mesmo diante dos problemas e das perseguições, Paulo não perdia a alegria. Por sua paixão, Paulo sofreu fadigas, foi preso, golpeado, açoitado e apedrejado. Experimentou frequentes perigos de morte em terra, em rios, no mar, na cidade, no deserto. Perigos de ladrões e dos falsos irmãos (2Cor 11, 23ss). Nem por isso deixou de amar. Seu coração se movia pela ternura, aquela

mesma ternura que moveu Jesus Cristo. Quem se deixa apaixonar por Jesus nunca perde a alegria de viver. “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria.” (EG I).

3. Evangelizar é comunicar

“Os maiores santos, se vissem hoje, utilizariam o microfone para difundir, com fervor e alegria, a sua mensagem de verdade, justiça e paz” (Pe. Tiago Alberione)

Aquele entusiasmo de Alberione pela comunicação do Evangelho, ele o aprendeu meditando os Escritos Paulinos, especialmente a Carta aos Romanos. Nós herdamos o carisma da comunicação. Isso constitui a razão de ser e agir do paulino. Trata-se daquele desafio fundamental: “falar de tudo cristãmente”, com criatividade para não “plantar onde outros já plantaram”, renovando sempre o interesse pela cultura da comunicação. “Fiz questão de anunciar o Evangelho onde o nome de Cristo ainda não havia sido anunciado” (Rm 15,20).

Talvez aqui fosse o caso de tocarmos a realidade mesma, pisarmos o chão, como se diz. Pensando no Capítulo Geral que nos convoca à mudança de mentalidade, caberia o questionamento: O que nosso carisma tem de novidade hoje na Igreja no que concerne à comunicação? Isso é central. Alberione nos gerou exclusivamente para a comunicação. Obviamente que na Igreja há uma infinidade de iniciativas ligadas à comunicação. O nosso diferencial é que o fenômeno da comunicação é nossa razão de ser; é questão de vida ou morte.

Ocorre que muitas vezes concebemos a comunicação apenas como meio, isto é, a técnica. Entre os muitos refrões da atualidade, repetidos até à exaustão, é o de que estamos vivendo a melhor das fases no que se refere à comunicação e seus aparatos técnicos. Isso é bom e até verdadeiro. Ocorre que também devemos desconfiar dos exageros ou de certo endeusamento da técnica em si, como se os meios por si só tivessem poderes mágicos. É sempre atual o que Alberione insistia acerca da importância da educação para o bom uso dos meios, que o diga as guerras de ódio na internet, nas “redes sociais”. O principal desafio para nós parece ser o de não perdermos de vista o nosso campo de atuação e nos preparamos para ele continuamente.

Com a implosão da pandemia do novo coronavírus no início do ano de 2020, vimos com mais intensidade a necessidade de uma conexão com o calor humano, para além da frieza do lume das telas. Impedidos da presença, tivemos de nos servir noite e dia da comunicação em rede. Para além dos aparatos em si há corpos que se comunicam. Sem um corpo vivo e outros corpos, não há comunicação, há conexão. Do corpo não se espera conexão. Esperam-se vínculos. O corpo não é um totem. Ele é um tentáculo que captura o outro. O corpo é a mídia por excelência.

Localizando no corpo o momento germinal da comunicação, evita-se totemizar os meios, a mídia, e afasta-se a crença na autonomia desta, bem como em sua onipotente decisão. Expande-se a percepção do fato social e inclui-se uma

instância complexa, dotada de imperativos próprios, de densidade histórica e cultural (BAITELLO, 2008, p. 98),

A comunicação humana é, em primeiro plano, a busca do outro. Comunicar é buscar construir e manter vínculos. Quem comunica partilha algo com o outro, num processo recíproco. “A comunicação é sempre a busca da relação e do compartilhamento com o outro. Atravessa todas as atividades: lazer, trabalho, educação, política; concerne a todos os meios sociais” (WOLTON, 2006, p. 13). A comunicação é uma troca. Ela se dá quando emissor e receptor interagem como iguais. Comunicar, portanto, é coabitar. De modo que não há comunicação sem o respeito ao outro. Para nós não há simplesmente um destinatário. Há interlocutores. Isso vai ao encontro do que afirmou o Superior Geral em sua Carta Anual de 2020, sobre uma “Congregação Sinodal”:

Faltando a comunicação, que se exprime concretamente na abertura a Deus e ao outro – seja este “outro” um ou mais interlocutores –, torna-se impossível um caminho sinodal eficaz. Nesse caminho a comunicação tem um papel imprescindível, que certamente se manifesta na linguagem, no comportamento, nas atitudes, nas escolhas, onde entram a escuta, a palavra, o silêncio, o diálogo e o discernimento. (CASTRO 2020, n. 3)

O papa Francisco tem insistido para o serviço da comunicação que colabore com uma autêntica “cultura do encontro”. Ele ressalta a importância dos meios de comunicação e assinala: “Neste mundo, os meios de comunicação podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna. Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos.”¹

Isso nos motiva a pensar sobre o meio e a mensagem. Sabe-se que, em menos de cem anos, foram inventados e “democratizados” o telefone, o rádio, a imprensa, o cinema, a televisão, o computador, a internet, as redes. Tudo isso reduziu as condições de trocas e de relação. Foram reduzidas, sobretudo, as distâncias, conforme preconizou o teórico da comunicação McLuhan, com a chamada “aldeia global”.

Há, no entanto, de se observar que a tal aldeia nem sempre consegue se entender. Não é difícil perceber as mais variadas formas de exclusões e divisões causadas num tempo em que os meios deveriam incluir e unir. O pontificado de Francisco tem se preocupado com as divisões acentuadas dentro da humanidade, as múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas econômicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas.

O papa Francisco tem sido uma voz necessária. Desde o início de seu pontificado, em 2013, sua palavra contundente ultrapassa as fronteiras da Igreja católica. Suas falas e gestos expressam um coração e ouvidos de pastor, capaz de sentir e ouvir a dor do mundo. E, além disso, ser um sinal firme de mobilização, de ação e transformação. No auge da pandemia, quando muitos insistiam no discurso de salvar a economia, ele se fez voz solidária e se apresentou como verdadeiro líder, transmitindo esperança e

¹Mensagem do Papa Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”. Acessível: <https://goo.gl/VVCnmpN>, acesso em 2/4/2021.

insistindo com as lideranças mundiais para darem primazia ao cuidado das pessoas. A atitude do papa foi de presença vigilante em favor da humanidade sofredora.

Na encíclica *Fratelli Tutti* (lançada em outubro de 2020), expressão usada por “São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com o sabor do Evangelho” (FT 1), o texto do papa ensina a todos nós o valor e a necessidade urgente da fraternidade e amizade social. Trata-se de um apelo para que acordemos do possível sono da indiferença e nos esforcemos por verdadeira solidariedade universal.

O desafio, portanto, no que se refere ao nosso carisma, é aliar ferramentas a valores sempre mais democráticos e humanizadores. Não se trata de condenar nem endeusar a técnica, mas agregá-la na construção de um mundo de paz, sem exploração, tirania, violência nem mentiras. Isso exige pensamento. Aqui consiste o desafio maior. O lugar do apostolado paulino exige uma reflexão profunda sobre o complexo fenômeno da comunicação. É impossível acompanhar e estar atualizados com o emaranhado da tecnologia da comunicação, mas é possível criar pequenas e até grandes iniciativas quando antes temos uma base sistematizada do pensamento sobre determinados meios e a linguagem que a cada um cabe, e o principal: utilizá-los para tocar a existência das pessoas.

Uma palavra conclusiva

Esses breves apontamentos não pretendem concluir nada. A única pretensão aqui é suscitar um diálogo aberto, de modo que um possível debate se amplie em função de nossa missão específica. Por isso, finalizo com três inquietações: 1) não resta dúvida de que nossa atuação no “ambiente digital” exige e exigirá de todos nós um grande empenho. Isso é crucial. 2) Para sustentar a obra, e me refiro a retorno financeiro, precisaremos de estratégias no ambiente digital. Isso pede de nós nos rodearmos de assessorias de pessoas especializadas, inclusive em ciências de dados e algoritmos. Talvez estejamos produzindo muito conteúdo para a internet. Mas certamente precisaríamos de melhores estratégias. No tempo de Alberione, ele também não entendia tudo, porém se cercou de pessoas e assessorias capacitadas. 3) Por fim, além do profissionalismo que o nosso apostolado por natureza impõe, nós não somos empresários ou executivos de uma corporação. Nós somos apóstolos. Como diz o título deste texto somos “evangelizadores com Espírito”.

Jesus nos ensina que para conhecer e viver a vontade de Deus é necessária uma mudança de mentalidade. Não basta só boa vontade para segui-lo. Não basta apenas fazer pose de “sou cristão”, “sou paulino”. O que Jesus espera de nós é coragem; e coragem é uma ação do coração. Os antigos acreditavam que a coragem se aloca nesse órgão. A própria raiz da palavra coragem tem o mesmo prefixo da palavra coração (cor). Disso podemos dizer que a coragem emana do mais profundo do nosso ser. Trata-se, pois, de um empenho intenso, profundo.

A mudança de mentalidade, portanto, tem que ver com a capacidade de se desfazer dos esquemas obsoletos, das ideias fixas, do pensamento orgulhoso e prepotente. É a metanoia, isto é, a transformação integral, de comportamento, de caráter. É a

profundidade espiritual. Trata-se de uma virada total para assumir um novo estilo de vida. Aqui não cabe fingimento. Cabe muita coragem para assumir um estilo de vida autêntico, conforme Jesus ensinou e viveu. Alberione nos legou o modelo: o apóstolo Paulo, para nos configurarmos a Cristo.

Referências bibliográficas

BAITELLO, Norval Jr. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, David (Org.). *Os valores e as atividades corporais*. São Paulo: Summus, 2008.

CASTRO, José Valdir de. *Uma “Congregação Sinodal” a serviço do Evangelho na cultura da comunicação*. Carta do Superior Geral aos coirmãos da Sociedade de São Paulo. Roma, junho de 2020.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2019.

_____. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações: Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro*. Vatican News, 1 jun. 2014.

MURPHY-O’CONNOR, Jerome. *Paulo de Tarso – História de um Apóstolo*. Traduzido por Valdir Marques. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2007.

WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus: 2006.